

UMA CARTA PARA UMA DANÇA OU UMA DANÇA PARA UMA CARTA?

Oneide Alessandro dos Santos
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Neila Baldi
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Daniela Minello
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Emanuelli Schirmer
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo: A pesquisa Corpografias Dançantes, em andamento, investiga processos de escritas com dança – no papel, na tela, no corpo – ou seja, escrever dançando e dançar escrevendo. No momento atual, tem se dedicado a escrever cartas como procedimento de criação: o movimento da escrita influenciando o movimento do/a espectador/a, a leitura da carta motivando a dança do/a outro/a e a dança da carta reverberando em nova escrita. Para isso, têm-se utilizado da escrita performativa, de modo que a escrita no papel pode ser tanto com palavras quanto com desenhos, num entrelaçar de escreverdançando e dançarescrevendo, uma ação influenciando a outra. A escrita de cartas, nesta pesquisa, se aproxima da função de hypomnêmatas - em que revelam um cuidado de si e para com o/a outro.

Palavras-chave: Escrever dançando; Dançar escrevendo; escrita performativa.

As mãos que percorrem o teclado do computador são as mesmas que seguram o papel e a caneta, dançando naquele espaço chapado, desenhando formas nas letras que se movimentam na folha. As mesmas mãos desenham na folha e no espaço. O que elas dizem, que formas produzem? As mãos que percorrem nossos corpos são as mesmas que te tocam, com gestos, carinhos, mas também com palavras agora digitadas.

Nossas escritasdançantes se reverberam em dançasescritas e vice-versa. Temos escrito no papel, na tela e no espaço; em forma de palavras, desenhos, gestos, movimentos, dança. E, a partir da escrita de cartas, pesquisado: o que a

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

dança do/a outro/a produz na gente? Que danças produzimos a partir das outras danças? Que escritas escrevemos no espaço e no papel vendo o/a outro/a dançar? Como é dançar para uma carta não lida, apenas observada no seu movimento de escrita? Como é dançar para uma carta imaginada? E dançar para uma carta escrita pra si? Como a escrita do/a outro/a afeta o nosso movimento? E como é escrever a partir da carta dançada? Como nosso movimento dançado produz uma escrita do/a ou para o/a outro/a? Estas são algumas questões que reverberam em nossa pesquisa denominada Corpografias Dançantes, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa sobre (Es)(Ins)critas do/no corpo (Corpografias/UFSM). Temos pesquisado, portanto, o escreverdançando e o dançarescrevendo, em diferentes suportes.

Para isso, temos utilizado como metodologia a Pesquisa Somático-Performativa (FERNANDES, 2014; FERNANDES, 2013a; FERNANDES, 2013b, FERNANDES, 2012), que se enquadra dentro do escopo da pesquisa performativa e guiada pela prática (HASEMAN, 2015). Segundo Fernandes (2012, p. 2):

> A Pesquisa Somático-Performativa aplica procedimentos e princípios da Educação Somática e da Performance para fluidificar fronteiras, sintetizar informações multi-referenciais de forma integrada e sensível, e fazer conexões criativas imprevisíveis, com resultados processuais em termos de performance/escrita dinâmicas e intercambiáveis.

Neste sentido, “estudo, pesquisa e escrita são sempre inspirados e organizados a partir da arte e suas características, sendo a principal delas o movimento.” (FERNANDES, 2013a, p.106) o que proporciona que a escrita da pesquisa também seja diferenciada, numa perspectiva de escreverdançando. Ou seja, escrever sendo “[...] coerente com a(s) dança(s), isto é, escreverdançando ou

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

dançarescrevendo como atos de igual valor, constituição e consistência" (FERNANDES, 2013b, p. 20).

Assim, "[...] as abordagens exploratórias práticas estabelecem os percursos da pesquisa - inclusive as escolhas relativas à coleta de dados" (FERNANDES, 2015, p. 26). Ou seja, não analisamos uma prática, mas somos afetados por esta, de modo a produzir práticasteorias.

Compreendemos, então, as escritas como potências: a escrita no papel potencializando o movimento e o movimento interferindo na escrita no papel. "Não se trata de escrever sobre, mas de escrever na. Escrever na experiência" (RIBETTO, 2016, p. 59). E desse modo, entender que escrita e dança não são iguais, mas produções inter-relacionais, onde uma ganha vida com a fabricação da outra. Isso tanto num sentido concreto a partir das nossas práticas, quanto no sentido imagético, figurativo e metafórico de nossos pensamentos.

Entendemos que: "Quando se escreve, começa-se a reelaborar o que se pensa e o que se diz" (TIBURI, 2016, p. 209) e que a dança é a sistematização de um pensamento-ideia em movimento, assim como a escrita no papel ou na tela, uma vez que "[...] a dança é afim à escrita, que o movimento que percorre uma entrelaça a outra, que as duas são feitas de algo único." (TIBURI; ROCHA, 2012, p. 130)

Começamos nossas investigações de escritasdançantes e dançasescritas com a pandemia, quando sentimos a necessidade de investigar abordagens somáticas com a intenção de nos proporcionar uma paragem, entendida como uma pausa dinâmica, que:

> [...] restabelece a estabilidade do sujeito, possibilitando uma interação real baseada numa presença fluida. [...] É através da paragem que, paradoxalmente, o sujeito resiste ao movimento externo extremo e ativa o movimento interno intenso. (FERNANDES, 2011, p. 89)

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



A partir destas investigações, produzimos danças em telas e escritas no papel. Ao refletir sobre nossas escritas no papel – nossos cadernos de anotações – compreendemos que dali nascia outra etapa da pesquisa e, então, passamos a investir nas escritasdançantes e dançasescritas. Estas escritasdançantes no papel – em forma de palavras soltas, desenhos ou frases – podiam ser feitas no ato de dançar ou imediatamente após. O neurocientista Miguel Nicolelis explica esta relação somática da mão com o papel:

> Tudo o que eu começo a fazer começa na mão, com caneta tinteiro. Mas por quê? Porque pratica essa interação corpo-mente. A caligrafia, os chineses sabem disso há 6 mil anos, é um exercício humanístico extremamente potente, de manifestação humana, artística, de equilíbrio do que você pensa e como você move o seu corpo em relação ao pensamento. [...] Para o meu novo livro, eu estudei um pouco sobre a descrição dos grandes pintores no momento em que eles encontraram o meio de pintura que usariam para o resto da vida. É o Picasso descrevendo a experiência dele de pegar na tinta, não pintar, mas sentir tatilmente a consistência da tinta óleo, do pastel óleo, que depois ele criou, o "sennelier", que a gente usa até hoje. E, à medida em que você começa a pintar - e eu aprendi depois de adulto e não parei mais -, você entende a lógica disso. Porque pintar não é só a arte de criar. É a arte de sentir a tinta, sentir a experiência tátil. E isso você não faz. Se você faz isso num tablet, como hoje a maioria das crianças faz, é muito diferente de você fazer analogicamente, metendo seus dedos na tinta. (NICOLELIS, 2020, s.n.)

Estas primeiras escritas eram entendidas como como rastros do movimento: palavras fugidias, como o movimento efêmero, palavras-dançadas ou desenhos-dançados, que nos diziam do momento presente, ou seja, uma escrita corporificada "[...] registra, por escrito, as formas sutis que o corpo responde à experiência e imbui

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

sua escrita com a rica textura sensorial dessa experiência[1]" (ANDERSON, 2002, p. 41), ou que nos lembravam das investigações anteriores.

Todas estas investigações começavam com alguma prática sensível, a partir do pensamento da Educação Somática, compreendendo que "*e*xperiências criativas vividas no corpo por meio de abordagens sensíveis"] respeitam "[...] um tempo próprio, ou seja, o tempo naturalmente afinado e viável para a construção de um saber sobre nós mesmos*"* criando *"*[...] espaço-tempo e escuta significativos para uma formação sensível [...] (ARAÚJO, 2020, p. 407).

Desta investigação nasceu a necessidade da carta. Flávia Valle (2012, p. 288) diz que:

> As correspondências aproximam-se da função dos *hypomnêmatas*, mas nelas o escritor se faz presente, se mostra ao outro. Ao mesmo tempo em que se mostra, lança um olhar para o destinatário, pois aconselha-o por meio de seus próprios apontamentos.

Na nossa percepção, a carta tem um elemento singular, autoral e íntimo, ao mesmo tempo em que confere apresenta uma questão a outra pessoa, ao/à destinatário/a, configurando-se em um diálogo, que permite que o singular seja também plural, porque não interessa apenas a uma pessoa.

Passamos, a partir de maio de 2021, a escrever cartas. Escrevemos cartas para pessoas que não são do grupo e os/as demais integrantes dançarem a feitura da carta, ou seja, o que captam do movimento do/a outro/a durante a escrita – aqui entendidos os movimentos externos e internos. Posteriormente, investigamos escrever cartas para nossos pares e estes dançarem a carta lida. Também

[1] No original: In writing from this perspective of the body, the writer (or researcher) records in writing the subtle ways the body responds to experience and imbues his or her writing with the rich sensorial texture of that experience (ANDERSON, 2002, p. 41).

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

escrevemos cartas para o coronavírus e o momento pelo qual estamos passando atualmente, afinal, boa parte do grupo está, desde março de 2020 em trabalho remoto – os encontros do Corpografias se dão pela plataforma Google Meet. Por fim, outra investigação foi rever nossas danças gravadas e escrever cartas para estas, ou seja, pensar o trabalho inverso: escrever a dança, dançar a escrita, para, em ambos os casos escreverdançando e dançarescrevendo.

Assim, podemos observar que faz-se um trabalho de aproximação acerca dos meios metodológicos de escrever sobre/em dança, já que ao elaborar correspondências, cartas, escritas outras, tentamos, burlam formas já dadas de escritas em pesquisas acadêmicas tradicionais. Aqui, desejamos, portanto, prover e investir em outros formatos de produzir o textual e o performativo, em que as práticas centram-se no corpo. Isso convoca alternativas performativas de dança e escrita que se entrelaçam, promovendo novas investigações ou mesmo visibilizando que o objeto de pesquisa é ele próprio: a prática ao ser feita (HASEMAN, 2015).

Desse modo, entendemos que as escritas e as danças acontecem na ordem de movimentos e pausas, perguntas e ressonâncias que o corpo fabrica ao criar, tanto as palavras, desenhos e movimentos no espaço/tempo. Assim, podemos entender que ao dançar o corpo realiza uma função de escrita, mas que aqui é compreendida para além de uma ideia comum de coreografia, definida pela primeira vez por Thoinot Arbeau em 1589 quando nomeou um dos mais famosos manuais de dança da época de "*Orchesografie*", a escrita, grafie / da dança, orchesis. Fazendo, com isso, "a forçosa união de dois sujeitos: um que se move e outro que escreve, fundando uma entidade linguística" (LEPECKI, 2017, p. 30). Essa junção "nomeia uma prática cujas forças programáticas, técnicas, discursivas, econômicas, ideológicas e simbólicas permanecem ativas até hoje" (LEPECKI, 2017, p. 30). Dito

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

isso, entendemos que não se trata de uma relação tradicional entre escrita e dança, mas sim, aberta ao sensível e ao poético. Inclusive, nos modos de escrever e concretizar a escrita para si, para o outro e para o mundo.

Assim, dançamosescrevendo e escrevemosdançando em processos contínuos, nos quais refletimos sobre ambos. E discutimos sobre nossas percepções, anotações, retroalimentando nossas dançasescritas e escritasdançantes:

> Por vezes a dança e a escrita se complementam e dão sentido uma à outra, quando as palavras não são suficientes, o corpo busca expressar o não dito. Ao dançar as cartas busco sair da superficialidade de apenas representá-la. A quem vê, proporciono diversos sentidos e percepções. Danço com fluxo interrompido de quem dançou se fazendo perguntas.

Em outros momentos experimentados no coletivo, sentimos que a escrita é também um processo de cura. Do despertar para a sensibilidade. De acordar o corpo, um convite para dançar:

> Nestes tempos de isolamento, sinto falta de ti, do teu toque ao vivo, do dançar junto. De sair do meu abraço, de percorrer outros braços.
>
> Acredito que nossos encontros no grupo têm possibilitado abrir algumas vias sensíveis para trabalhar a partir do corpo. Não só numa ideia de movimento desenfreado, mas a pausa, a imagética, a escrita e os próprios compartilhamentos de práticas entre os participantes. Mesmo limitados/as seguimos investigando modos possíveis de escrever e dançar. De pesquisar, de imaginar e criar. Tarefa difícil, pelo menos quando vemos que a realidade é nada criativa ou sensível.

Nossas dançasescritas e escritasdançantes também nos levaram a refletir sobre a própria dança: o que é a dança, afinal, e sua relação com a escrita:

> A pausa é uma pergunta que o corpo faz.

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

A escrita não perpassa apenas o papel.
Dançar a escrita não lida – a carta sendo construída. Dançar a escrita lida – a carta enviada. Escrever a dança da carta.
O que é a dança, afinal, que um infinito de possibilidades?

Como nossa pesquisa ainda está em andamento, temos conclusões temporárias do movimento que temos desenvolvido. Primeiro, compreendemos que, sim, dança e escrita são afins. Também entendemos que uma potencializa a outra. Percebemos, ainda, que os exercícios de escritas performativas nos permitem não apenas escreverdançando mas também dançarescrevendo. Por fim, apostamos nas práticas sensíveis como potencializadoras do movimento e da pesquisa somático-performativa como uma metodologia que conversa com a dança e permite a construção de práticasteorias.

Referências:

ANDERSON, Rosemarie. Embodied writing: Presencing the body in somatic research, Part I, What is embodied writing? *Somatics*, Novato, v. .8, n. 4, p. 40-44, spring/summer, 2002.

ARAÚJO, Márcia Feijó de. Corpo e dança: Angel Vianna e a manutenção da sensibilidade. *Revista Interinstitucional Artes de Educar.* Rio de Janeiro, V. 6, N.1-pág. 406-415 janeiro-abril de 2020: "Educação: Corpo em movimento II." Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45870> Acesso: 4nov. 2020

FERNANDES, Ciane. Quando o Todo é mais que a Soma das Partes: somática como campo epistemológico contemporâneo. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2015. Disponível em: Acesso em: 21 abr. 2015

_____. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração. *Art Research Journal*. Brasil, Vol. 1-2, p. 76-95, jul./dez. 2014.

SANTOS, Oneide Alessandro dos; BALDI, Neila; MINELLO; Daniela; SCHIRMER, Emanuelli. Uma carta para uma dança ou uma dança para uma carta?. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-09, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

_____. Princípios somático-performativos no ensino e pesquisa em criação. In: MARCEAU, Carole. CAJAÍBA, Luiz Cláudio Soares (org). *Teatro na Escola. Reflexões sobre as Práticas Atuais: Brasil-Québec..* Salvador: PPGAC/UFBA, 2013a, pp.105-115.

_____. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística . *Dança*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013b.

_____. *Movimento e Memória: Manifesto da Pesquisa Somático-Performativa*. UFRGS, Congresso Nacional da ABRACE, Porto Alegre, 2012.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. In: Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP. *Anais*… São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015.

LEPECKI, André. *Exaurir a dança*: performance e a política do movimento. São Paulo: Annablume, 2017.

NICOLELIS, Miguel. *Máquina de criar universos*. [Entrevista concedida a]. Guiliana Bergamo. *Ecoa.* São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/miguel-nicolelis-nossa-forma-de-aprender-e-por-meio-do-contato-social/#cover Acesso: 17 dez. 2020

RIBETTO, Anelice. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A.(Org.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016

TIBURI, Marcia. ROCHA, Thereza. *Diálogo dança.* São Paulo: Editora SENAC, 2012

TIBURI, Marcia. *Uma fuga perfeita é quase sem volta*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

VALLE, Flávia Pilla do. O cuidado de si para pensar a criação em dança. In: ICLE, Gilberto (org). *Pedagogia da arte: entre-lugares da escola*. V.2. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2012. p.279-292.